



BOLETIM DE ESTUDOS SOCIAIS

Orgão da Fundação Regional Educacional de Avaré

n.º 1 Avaré — Est. de São Paulo — Brasil dezembro de 1972

SUMÁRIO

| | Pags. |
|--|-------|
| ALMIR TOLSTOI DA ROCHA PITTA — Estudos Sociais? Por quê? | 3-8 |
| EGON SCHADEN — Formação Étnica e a Consciência Nacional | 9-16 |
| OSCAR HOLME — Ubatuba: Uma das Primeiras Vilas da Capitania de São Paulo a Produzir Café | 17-28 |
| JORGE RIBEIRO — Aspectos Sociológicos do Problema do Menor Abandonado | 29-40 |
| ANTONIO ROCHA PENTEADO — Notas sobre a Geografia do Mundo Tropical | 41-47 |
| MAURO CHEROBIM — Análise Antropo-Sociológica da Situação de Contato de Grupos Guarani do Litoral de São Paulo com a População Nacional | 49-57 |
| MAURO CHEROBIM — Bibliografia do Grupo Ibérico .. | 59-89 |

O Boletim de Estudos Sociais não insere matéria remunerada e nem se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos assinados. Artigos, comunicações, resenhas para publicação deverão ser enviados em três vias em nome do Diretor Executivo do Boletim. Cada autor receberá três exemplares da revista e 30 separatas de seu artigo.

O BOLETIM DE ESTUDOS SOCIAIS NÃO TEM PERIODICIDADE REGULAR

ANÁLISE ANTROPO-SOCIOLÓGICA DA SITUAÇÃO DE CONTATO DE GRUPOS GUARANI DO LITORAL DE SÃO PAULO COM A POPULAÇÃO NACIONAL (*)

Mauro Cherobim (**)

1) O GRUPO GUARANI

Existem no litoral paulista cerca de duas centenas de índios Guarani vivendo em situação aculturativa com a sociedade brasileira, isto é, com contato direto e permanente¹ com a população praiana. Estão divididos em dois subgrupos: Mbüá e Nandeva². Estão aldeados, havendo, no entanto, alguns indivíduos que se distribalizaram, residindo em zonas rurais do litoral ou em zonas urbanas de Santos e São Paulo.

Os aldeamentos do litoral são os seguintes: **Bananal**, ao sul de Itanhaem e próximo de Peruíbe, mais ou menos 14 km à esquerda da altura do km 77 da ferrovia Santos-Juquiá e km 70 da Rodovia Pedro Taques; **Itariri** fica na Serra dos Itatins e às cabeceiras do Rio do Azeite, distante aproximadamente 13 km da cidade de Itariri; **Rio Branco**, no vale do mesmo nome, atrás da Serra de Jacupiranga e cerca de 13 km do mar, com acesso, ou por Mongaguá, ou pela Estação de Ferraz, da Estrada de Ferro Sorocabana. Estes aldeamentos estão situados ao sul da Cidade de Santos. Ao norte de Santos, a uns 15 km da localidade de

(*) — Este projeto foi elaborado com base na bibliografia citada e em "survey" que realizamos à área (aldeia do Silveira), no período de 30/08 à 06/09 de 1969. Esta visita preliminar fazia parte da programação de pós graduação de Antropologia Geral de Universidade de São Paulo.

(**) — Contamos com o auxílio financeiro da FAPESP — Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo — para o trabalho-de-campo, à qual agradecemos, pois sem ele o nosso deslocamento às aldeias teria sido impossível. Agradecemos, também, à Presidência da Fundação Nacional do Índio pelo seu apoio à pesquisa, através de suas autorizações com prazo dilatado.

1. Coelho, 1964:9

2. cfr Schaden, 1154: 12, 13 e 16 e 17

Barra do Una, em direção da serra, localiza-se a aldeia do Silveira. Ainda no litoral norte encontramos outros agrupamentos guarani em **Boissucanga**, **Ubatuba** e **Parati**, além de outros dois no planalto paulista, um em **Barragem**, às margens da Represa Rio Grande, e outro em **Mboi Mirim**. Nos dois primeiros aldeamentos estão concentrados os **Nandeva** e mais alguns **Mbüa**. Os demais são aldeamentos **Mbüá**, havendo um grande número deles oriundos de aldeamentos do Estado do Paraná.

Schaden³ informa que a integração na sociedade nacional dos subgrupos Guarani se processa de maneira diversa: os **Mbüá** são mais presos à sua cultura tradicional, mantendo sua língua e religião, enquanto os **Nandeva**, mais abertos ao mundo dos brancos, estão inclusive, deixando de cultivar sua religião em razão da mistura étnica que se processa no grupo (é comum entre eles casamentos mistos, isto é, entre índios e caiçaras): os mestiços, além de ignorar a religião tradicional, ainda a ridicularizam. Alguns indivíduos **Nandeva** encontram-se de tal modo aculturados que pouco se diferenciam de seus vizinhos caiçaras⁴.

Vive o grupo das atividades de subsistência e da venda de produtos artesanais à população nacional. As atividades que chamamos de **subsistência** são aquelas que se referem à agricultura, pesca e caça, sempre atendendo às necessidades mínimas de sobrevivência. Parcialmente, estas atividades identificam os Guarani aos neo-brasileiros da área. Entretanto, os índios ainda são reconhecidos como tais pelos brasileiros, e reconhecem-se a si mesmos como grupo étnico distinto, apesar de estarem sofrendo progressivo processo de peculturação, que se traduz especialmente em termos de desorganização social e de quebra de seu esquema religioso; o sincretismo linguístico é notado em palavras de procedência espanhola e portuguesa⁵.

A bibliografia referente aos Guarani é copiosa⁶ e englo-

3. *op. cit.*, pp. 23/24

4. Goldman, 1959

5. p. ex., *kutxara* e *djakaré*, *colher* e *jacaré*, respectivamente — observação pessoal, 1969.

6. Baldus, 1954 e 1968.

ba os do território do Brasil, do Paraguai e da Argentina. Entretanto, a literatura sobre os Guarani do litoral é escassa.

Os trabalhos mais antigos sobre os índios litoraneos são de viajantes, revelando uma pretensão somente descritiva ou então aparecem em artigos de outras especialidades sem qualquer objetivo de analisar aspectos socio-culturais. No entanto fornecem dados sobre contatos com a população praiana.

Uma análise global de conteúdo de toda a bibliografia referente aos Guarani revela uma concentração de interesses nos campos da linguística, aspectos de organização social e religião, acentuando estes os problemas de mudança cultural.

2) A POPULAÇÃO PRAIANA

Já que o grupo guarani só pode ser compreendido em suas múltiplas manifestações de vida, através do contato que lhe é imposto pela população praiana, as formas assumidas por esse contato e suas consequências devem ser estudadas também através de uma análise desta população envolvente. Este segmento populacional divide-se em duas categorias: os pescadores ou caiçaras e os lavradores ou tabacudos. Existe uma terceira categoria, os ribeirinhos ou babaquaras. Esta população forma um grupo fechado, isolado da sociedade global, vivendo em situação de auto-suficiência⁷, por habitar uma chamada "área de deserção", motivada pelo esvaziamento humano em direção ao planalto e cada vez mais distante do mar. Consequentemente houve uma sedimentação daquela antiga cultura trazida da Europa⁸ e a sua conservação até os dias atuais, motivada por este isolamento⁹. Não havendo um contato fácil com os aglomerados urbanos, o homem teve que se dedicar à sua exploração intensiva do meio, valendo-se de técnicas indígenas — as mais apropriadas — e a sua intimidade com o meio, no litoral, dividiu suas atividades entre a pesca e a lavoura, dentro de ciclos, determinados pela natureza. Estas atividades de subsistência, sem excedentes pa-

7. Mussolini, 1953:87

8. *op. cit.*, p. 81

9. *ibidem*, p. 93

ra a troca e para a venda¹⁰, facilitaram a formação de grupos fechados, no entanto carentes de uma coesão social e com “uma organização bastante simples, com um número reduzido de instituições acima do nível dos agrupamentos de parentesco”¹¹.

3) SITUAÇÃO DE CONTATO

Ao lado desta população estão os Guarani, vindo de outras regiões em busca da “Terra sem males”, localizada no oriente. Um povo essencialmente místico, portadores de uma religião que determina em profundidade seus comportamentos e expectativas.

Chegando aí e mépocas distintas e de locais diferentes, estabeleceram-se os dois subgrupos e maldeias próximas. Os **Nandeva** vieram das barrancas do Paraná, território paraguaio; os **Mbüá** vieram de Guairá, Paraguai, descendo por Misiones, entrando pelo Rio Grande do Sul, atravessando os Estados de Santa Catarina e Paraná, estabelecendo-se em Rio Branco; deslocando-se agora aos aldeamentos do litoral norte e aos do planalto.

Os aldeamentos mantêm contato com a população nacional de maneiras diferentes: o Bananal, habitado por uma maioria **Nandeva** é o grupo mais aberto às influências externas. Segundo informações pessoais do Prof. Schaden e dados extraídos de sua monografia, em 1946 já havia casamentos mistos e muitas mulheres moravam fora da aldeia em razão de seus casamentos com caiçaras. Na ausência de **Nanderu**¹² os índios consultavam um curandeiro da região. O grupo encontrava-se num estado crescente de destribalização. No Itariri a situação cultural dos seus habitantes era idêntica à situação dos moradores do Bananal; entretanto, não eram observados casamentos interétnicos. No Rio Branco, por outro lado, os índios pertenciam ao subgrupo **Mbüá**, portadores de uma forte consciência grupal em oposição aos brancos, um grupo culturalmente mais fechado, apresentando, no en-

10. *ibidem*, p. 85

11. Schaden, 1965:154

12. **Nanderu**, ou médico-feiticeiro, é a designação que recebe o “rezador” ou chefe religioso. Parece ser uma transferência da designação do Chefe da família-grande (v. Schaden, 1954: 109 a 113)

tanto, maior mobilidade espacial que os *Nandeva*. Viviam em viagens pelas cidades próximas vendendo seus artefatos, pedindo esmolas e se embebedando. Em agosto de 1969, na aldeia do Silveira, pudemos observar uma situação idêntica à do Rio Branco. Seus moradores são oriundos desta aldeia, vindo alguns outros de Palmeirinha (Cercanias de Guarapuava, Pr.), tendo passado antes por Rio Branco.

Vemos na exposição acima uma diferenciação, significativa entre os subgrupos Guarani¹³, o que origina tipos de contato com a população neo-brasileira. Por outro lado, observamos dois outros grupos, estes componentes da sociedade nacional: os caiçaras¹⁴, já citados, e turistas. Os Guarani e os Caiçaras estão quase no mesmo nível tecnológico e organizatório. Num nível diferente estão os turistas, que os deixa num relativo isolamento. Esta situação de contato implica na análise desta população flutuante e sem nenhum desempenho econômico na área¹⁵, mas que, possivelmente, tenha influência na subsistência dos locais.

É neste contexto em que se integrarem grupos distintos, que pretendemos focalizar as mudanças e conservantismo culturais dos Guarani, e para isto, não podemos deixar de focalizar a dinâmica dos grupos que integrarem com o indígena e que condicionam a sua assimilação¹⁶.

O problema que pretendemos abordar junto aos Guarani tem semelhanças ao que Roberto Cardoso de Oliveira abordou junto aos Terena e Tukuna¹⁷. Por esta razão usaremos o seu esquema na nossa primeira abordagem, pois as situações de contato também têm algumas semelhanças. O objetivo do autor citado foi o de procurar "compreender a interação social que, de forma sistemática e contínua vem ocorrendo entre os Terêna e

13. Schaden, 1963a:83

14. Estamos usando a designação caiçara tanto para os pescadores, como para os lavradores.

15. Referimo-nos ao crescimento econômico da área decorrente do incremento turístico, e não do turista em si, que não tem outro interesse que o lazer.

16. Schaden, 1963b:264

17. Cardoso, 1957, 1960, 1964 e 1968

a sociedade nacional” para descobrir “então, os mecanismos sócio-culturais que têm influido, direta ou indiretamente no processo menos geral e mais específico” a que ele chamou de **assimilação**¹⁸. Mas nós procuraremos não trabalhar dentro deste conceito por ter uma conotação mais política que cultural e ser um termo mais sociológico que antropológico¹⁹. Para que houvesse uma genuína assimilação, o indígena teria que ser aceito pela sociedade nacional como se não fosse índio, isento sobretudo de quaisquer estigmas; isto significaria também do próprio nativo o sacrifício de sua primitiva identidade étnica e da consciência de sua origem na fundamentação das relações com a sociedade nacional. É precisamente o que não se tem verificado²⁰, razão pela qual optamos trabalhar com o conceito de aculturação dentro do esquema escolhido. O indivíduo “uma vez socializado à vida tribal, embora transformada, não seria capaz de assimilar-se e de ser assimilado”²¹. Conhecemos um guarani, hoje com 69 anos, e mais de 40 fora do grupo, isto é, destribalizado, que, apesar de se dizer civilizado, ainda se identifica como índio.

Para podermos compreender os mecanismos que influenciam a persistência e a mudança de valores tradicionais, procuraremos analisar as relações conjuntivas, isto é, a trama de papéis interculturais; eles fornecem as linhas de comunicação e transmissão entre as duas culturas. Os portadores destes papéis são indivíduos e é no encontro destes mesmos indivíduos que não conhecem a totalidade de sua cultura e nem transmitem tudo aquilo que conhecem — que se dão as trocas de elementos culturais²².

De outro lado, a inserção desses indígenas, como indivíduos e como grupo, na estrutura regional será analisada através do conceito de **integração**, ou como querem outros autores mais radicais, de simples **acomodação**. Desta maneira pretendemos

18. Cardoso, 1957:173 e 1960:13

19. cfr. Coelho, 1964:4

20. cfr. Schaden, 1967:11

21. *ibidem*, p. 11

22. Siegel & Outros, 1954:980-981

abordar as relações conjuntivas de índios e civilizados em dois planos que se complementam: **cultural e social**.

Examinando o trabalho proposto com o realizado pelo Prof. Schaden, procuraremos:

1. Examinar a nova situação de comunicação inter-papel que se formou após o trabalho de Schaden, o que se explica em termos do excepcional desenvolvimento sócio-econômico do Estado de São Paulo, com a conseqüente mobilidade de sua população urbana.

Em se tratando do litoral, tal mobilidade está inclusive ligada ao aproveitamento do tempo de lazer, cujo estilo de vida tem como personagem representativa naquela área, o turista;

2. Examinar o ajustamento do índio na estrutura regional, como decorrência dessas novas condições de vida. O trabalho de Schaden se ateve mais no nível da cultura, essencialmente da da religião.

Neste trabalho-de-campo serão usadas como técnicas principais, entrevistas, histórias-de-vida e, principalmente, observação, se possível, observação participante.

É nossa pretensão ir ao campo em janeiro e julho por duas razões: primeiro, por ser época de chuva e de seca, respectivamente, e segundo, por coincidirem com as épocas de "temporada". Poderemos assim observar a relação do grupo com o meio, quanto à sua subsistência e com relação aos turistas na venda de seus artefatos. No período entre estes dois meses faremos viagens para "controle" das atividades de subsistência e comercial. Além destas visitas às aldeias se faz necessário visitar as famílias destribalizadas para verificar o seu grau de integração — aqui é válido o uso — na sociedade nacional.

O relatório será em partes, focalizando (1) os Guarani como grupo numa análise global, (2) os Guarani do litoral, (a) ana-

lisando os diversos tipos de contato com a sociedade nacional, e (b) comparando os dados com estudos realizados com grupos guarani de outras áreas, (3) caracterização da população praiana e da turista, e (4) uma conclusão analisando os dados colhidos para daí inferir os mecanismos de persistência cultural num grupo de densidade muito pequena e envolvido por uma população de densidade bem superior à dos índios.

B I B L I O G R A F I A

BALDUS, Herbert,

1954 — **Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira**, São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. V. I.

1968 — **Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira**, Hannover, Kommissionsverlag Münstermann-Druch GMBH. v. II.

COELHO, Ruy Galvão de Andrada,

1964 — Os Karaib Negros de Honduras, Sep. da **Revista do Museu Paulista**, N. S., São Paulo, 15:1-212.

COMISSÃO GEOGRAPHICA E GEOLOGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

1915 — **Exploração do litoral. 1.^a Secção, Cidade de Santos à fronteira do Estado do Rio de Janeiro**, São Paulo, Secretaria de Agricultura.

1920 — **Exploração do litoral. 2.^a Secção, Cidade de Santos à fronteira do Estado do Paraná**, São Paulo, Secretaria de Agricultura.

GOLDMAN, Frank,

1959 — Artesanato dos índios do litoral sul, **Revista Anhembi**, São Paulo, ano IX, 33(98):363-367.

MUSSOLINI, Gioconda,

1953 — Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro, **Revista de Antropologia**, São Paulo, 1(2):81-97.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de ,

1957 — Preliminares de uma pesquisa sobre assimilação dos Terena, **Revista de Antropologia**, São Paulo, 6(2):173-188.

1960 — **O processo de assimilação dos Terena**, Rio de Janeiro, Museu Nacional.

1964 — **O índio e o mundo dos brancos**, São Paulo, Difusão Européia do Livro.

1968 — **Urbanização e tribalismo**, Rio de Janeiro, Zahar Editores.

SCHADEN, Egon,

- 1954 — Aspectos fundamentais da cultura guarani, **Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo**, 188 (Antropologia n.º 4):216pp. 2.ª ed., São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1962.
- 1963a — Caracteres específicos da cultura Mbüá-Guarani, **Revista de Antropologia**, São Paulo, 11(1 e 2):83-94.
- 1963b — Estudos de aculturação indígena, **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, 14:263-268
- 1965 — Aculturação Indígena, **Revista de Antropologia**, São Paulo, 13:317pp.
- 1967 — Aculturação e assimilação dos índios do Brasil, **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, 2:7-14.

SCHMIDT, Carlos Borges, ..

- 1958 — **Lavoura caiçara**, Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura. (Série Documentos da Vida Rural, n.º 14).

SIEGEL, Bernard, & Outros

- 1954 — Acculturation: An Exploratory Formulation. The Social Science Research Council Summer Seminar on Acculturation, **American Anthropologist**, Menasha, Wis., USA, Part I, 54(6):973-1002.

Observação:

Este trabalho foi elaborado em 1969. Daquele ano até os dias atuais, as comunicações até os aldeamentos indígenas foram melhoradas. Assim é que, foram abertas ao tráfego as estradas seguintes: Piassaguera-Guarujá, a Rodovia Pedro Taques e seu prolongamento conhecido como a Estrada da Banana, no seu trecho entre Itanhaém-BR116, antes uma estrada de terra, e, em data bem recente, entre Bertioga e Barra do Una, onde o trânsito de veículos se fazia pela praia. Desta maneira, aqueles períodos que citamos no texto do trabalho para nossa ida ao campo, hoje em qualquer fim-de-semana, e em pouco tempo de viagem, alcançamos qualquer aldeamento.